

## **Gabinete Português de Leitura: construção de uma identidade portuguesa**

Tatiana Quintela de Azeredo Bastos\* - PPG-UFRJ

O presente trabalho se propõe a estudar uma das múltiplas possibilidades de construção identitária do grupo étnico português no Rio de Janeiro tendo como *lócus* privilegiado o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e em especial a construção do seu prédio sede em estilo neomanuelino. Pretendemos analisar as estratégias deste grupo para afirmar sua identidade como forma de negociação com a sociedade carioca.

O Gabinete Português de Leitura (GPL), posteriormente denominado como “Real Gabinete Português de Leitura” (RGPL), foi uma associação fundada em 1837 por imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo de sua história passou por diversos endereços à medida que se ampliavam a quantidade de associados e o acervo. Somente em 1887 fixou-se em prédio próprio, construído especificamente para a associação, onde permanece até hoje.

O objetivo desta instituição era estimular o engrandecimento da “cultura do espírito”, além de estimular o orgulho da nacionalidade portuguesa, buscando ser esta uma associação entre a cultura e o lazer. Apesar de ter sido uma das primeiras associações portuguesas criada no Brasil, não havia em sua organização um caráter recreativo ou beneficente, diferentemente do que ocorre em outras associações de imigrantes em meados do século XIX. Além do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, outros Gabinetes foram fundados no país, como, por exemplo, o Gabinete de Pernambuco, que afirma em ata de fundação ter no Gabinete do Rio de Janeiro seu modelo de organização.

Maria Helena Beozzo de Lima<sup>1</sup> afirma que os imigrantes portugueses tinham a tendência de se fixarem nos centros urbanos e em organizações regionais em decorrência da estrutura econômica de Portugal e do tipo de imigrante que saía do país,

oriunda muitas vezes de regiões onde a pequena propriedade é predominante. Entretanto, o Real Gabinete de Leitura adota para a representação da identidade portuguesa a exaltação do passado do Império português, valorizando as conquistas ultramarinas e os escritores portugueses, principalmente Camões<sup>2</sup>.

No Brasil as associações portuguesas são separadas em: recreativas, tendo como principais características a promoção de eventos folclóricos e recreativos entre seus integrantes; beneficentes, sendo o socorro mútuo e as ações beneficentes seus pontos característicos; culturais, englobando escolas e bibliotecas mantidas por imigrantes portugueses. Vale ressaltar que uma associação se caracteriza pela presença de um corpo administrativo e de associados contribuintes ou não. As associações de caráter beneficente e cultural apesar de muitas vezes possuírem sua diretoria se relacionando entre si, não estimulam entre seus associados e de outras instituições portuguesas uma relação mais próxima, cabendo ao integrante procurar por si próprio estabelecê-la. Já as recreativas procuram desenvolver entre seus associados e de outras instituições uma rede de relações, além de buscar maior contato com a sociedade brasileira, promovendo eventos, festas e comemorações em datas definidas do grupo étnico.

O associativismo não era uma característica específica dos imigrantes portugueses. Havia no Rio de Janeiro do século XIX diversas formas de organização em associações, sejam elas étnicas, religiosas, beneficentes, sociais e, mais intensamente no final do século, políticas. José Murilo de Carvalho<sup>3</sup> afirma serem essas organizações e associações formas de participação popular que estava à margem da ação na política oficial. Muitas vezes eram nas associações que a população recorria quando necessitavam de algo, ao invés do Estado.

Para exercer a função cultural, o Real Gabinete se propunha a organizar exposições sobre assuntos e autores portugueses, cursos, aulas, mas seu enfoque principal era a constituição da biblioteca. Seu acervo era composto por doações e compra de livros,

dando sempre prioridade às obras raras e aos autores portugueses, porém também se valorizava os livros da “cultura universal”. A aquisição de livros raros nem sempre estava voltava para a disponibilização aos seus associados e freqüentadores, mas sim para a exposição e como uma forma de “comprovação” da antiguidade civilizatória portuguesa.

As bibliotecas públicas e privadas não se constituíam mais em novidade para a cidade do Rio de Janeiro após a chegada da família real. Tânia Bessone<sup>4</sup> afirma que o século XIX foi marcado pela crescente procura por bibliotecas públicas e pela preocupação em contribuir para o fortalecimento destas pelos membros privilegiados da sociedade e da política. Apesar de existentes, as bibliotecas particulares não eram expressivas nos inventários *post-mortem* estudados por Bessone, o que reforça ainda mais a idéia de valorização das bibliotecas públicas.

O *Jornal do Comércio*, um dos periódicos mais antigos da cidade, publicava regularmente comentários sobre livros e informações sobre novas aquisições das bibliotecas, tornando-se espaço privilegiado para divulgação e sedução de novos leitores. Nesse mesmo periódico eram publicadas regularmente as estatísticas de freqüência dos leitores das principais bibliotecas do Rio de Janeiro, a saber: a Biblioteca Nacional, a Escola da Marinha, a Biblioteca Fluminense, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Gabinete Português de Leitura, entre outras.

O Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro guardava aproximações quanto aos existentes em Portugal, porém não com o modelo de Gabinete que se popularizou na França no século XVIII, visto que se tratava de um Gabinete vinculado a uma agremiação cultural de origem étnica e emprestava livros aos seus associados e subscritores, além de os disponibilizar aos leitores em geral.

As administrações, geralmente constituídas de profissionais de origem portuguesa como médicos, advogados, comerciantes, professores; que se sucederam no Gabinete Português possuíam em sua maioria uma preocupação com a catalogação dos livros e

com o aumento do acervo, assim como também com espaços internos de convívio entre os freqüentadores. O aumento constante do volume do acervo da instituição forçava regularmente que esta mudasse de endereço para melhor comportá-lo.

O projeto de se ter uma sede própria para o Gabinete havia desde a sua fundação; porém, apenas na década de 1860 que a primeira proposta de captação de recursos foi formulada. Neste período, a Instituição estava em iminência de mudar novamente de localização. Entretanto, junto a essa necessidade presente, ansiava-se pelo estabelecimento de uma instituição que representasse simbolicamente a grandeza de Portugal num espaço no centro do Rio, coração da cidade, colocando, assim, a nação portuguesa novamente em elevada consideração.

O projeto previa a arrecadação de recursos mediante ampliação do número de sócios da instituição, o aumento do número de ações de antigos associados, as doações feitas pela “comunidade portuguesa” e as contribuições de outras associações portuguesas. A crise econômica atravessada durante a Guerra do Paraguai e suas conseqüências posteriores ocasionaram uma diminuição na arrecadação, visto que, por exemplo, o comércio varejista e o transporte público, setores dominados majoritariamente por portugueses e descendentes, sofreram bastante com a crise.

Urgia que conquistasse uma sede própria. Nomes como o do Senhor Visconde de São Cristóvão, José Joaquim Ferreira Margarido, Ramalho Ortigão reuniam-se em prol desse objetivo. A ausência de espaço para a organização do acervo, para as reuniões dos acionistas e diretoria da Instituição eram levados como bandeira na luta por um espaço próprio. Além disso, a nova sede atrairia a mocidade portuguesa assim como os homens de letras, propiciando que se incorporassem, desde que sob ordem dos estatutos da Instituição. Percebe-se que a construção da sede transcendia exclusivamente a questão da necessidade de espaço, abarcando um motivador nele mesmo de perpetuar a Instituição enquanto símbolo do grandioso passado português. Buscava-se por meio

dessa empreitada o “espírito corporativo português”, beneficente por natureza e sem a preocupação negativa do lucro vil.

Foi na década de 1870 que se iniciaram os estudos para a construção do prédio. O arquiteto Raphael da Silva e Castro projetou um edifício em estilo manuelino. A escolha deste estilo merece maior atenção, menos por suas características arquitetônicas, do que por trabalhar com questões simbólicas importantes para a construção da identidade portuguesa.

A identificação do estilo manuelino foi estudada pelo historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagem e por Joaquim da Costa Ramalho Ortigão<sup>5</sup>, na forma de discurso de inauguração do prédio sede do Real Gabinete Português de Leitura. Porém, trabalharemos especificamente com as considerações da professora Regina Anacleto<sup>6</sup> sobre a arquitetura neomanuelina e sua repercussão no Brasil.

Anacleto afirma que a arquitetura tem de inserir-se na produção histórica, sendo entendida a partir de um amplo processo econômico, político, social e cultural. Portanto, estudar e preservar as edificações é uma forma de se pensar e analisar a história de uma nação e, muitas vezes, de um momento histórico mais global.

Principalmente na segunda metade do século XVIII e especialmente no século XIX, a dicotomia entre natureza-cultura se fazia sentir em quase toda a Europa. Diversos autores desenvolvem teorias que tentam reconhecer no neogótico uma arquitetura nacional, visto que este possibilitava um jogo de representações sugestivas muitas vezes utilizadas nas representações da história nacional. Porém, apesar de se incluir em um longo período em Portugal (150 anos), ele não foi determinante no panorama nacional.

Paulatinamente, o lugar do neogótico foi sendo substituído pelo estilo manuelino em Portugal. Considerado este último como mais representativo da história do país e conseqüentemente do nacional. Esta arquitetura vai surgir repleta de sentimentos nacionalistas, uma vez que se identifica com determinados episódios históricos e culturais

do passado português. A temática náutica está muito presente em suas construções e ornamentações internas, assim como os grandes personagens da história de Portugal.

A aparição inaugural do estilo neomanuelino ocorreu na janela do Paço da Pena, desenhada pelo rei. D. Fernando II para seu palácio, aproximadamente nos anos de 1840. Logo após, “veio a transformar-se em estilo nacional e serviu de suporte a várias correntes culturais, ideológicas e políticas”. Grande parte da literatura que aborda o estilo neomanuelino aponta para a restauração do monastério dos Jerônimos como o marco deste estilo. O final do século XIX foi significativo na utilização da arquitetura neomanuelina nos prédios públicos e em outras construções. Outro exemplo desta utilização foi a Estação do Rossio, adaptando o estilo aos fins comerciais, aos quais o prédio se destinava. Anacleto afirma ter sido a influência do edifício Buraço e a mística camoneana e nacionalista dos portugueses residentes no Brasil, os motivadores do Dr. Carvalho Monteiro à utilizar o estilo neomanuelino para construir sua casa na cidade de Sintra, Portugal.

Segundo Anacleto, os imigrantes portugueses no Brasil estariam trabalhando com uma forma de idealização do que era nacional e como deveria ser expresso seu nacionalismo através da utilização do estilo neomanuelino em suas construções e do “mito camoneano” em suas representações. A presença numerosa da colônia portuguesa no Brasil, a carência de instalações para as associações portuguesas e a busca pela mitigação da saudade da mãe-pátria também faz com que estes utilizem esta arquitetura para as sedes de suas associações no Brasil.

O prédio e decoração do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro correspondem a um ideário de estilo dos integrantes da diretoria da instituição. A escolha do arquiteto Rafael da Silva e Castro, responsável pela planta do prédio, também demonstra essa opção, visto que este no mesmo período estava envolvido em um projeto

de reforma do Mosteiro dos Jerônimos. Há na construção uma mistura de ferro associado à pedra. Esta construção ainda hoje existe no cenário carioca.

A Igreja dos Jerônimos, segundo Anacleto, serviu de modelo para as construções em estilo neomanuelino, a fim de imitar-lhes o “rendilhado de sua pedra”. Em Portugal, porém, esse estilo possui motivações nacionalistas, culturais e políticas, já as construções em solo brasileiro são expressão de um “historicismo típico do período, que chega mesmo a atingir uma forma exacerbada”. O estilo manuelino empregado no Brasil não pode ser dissociado ao “culto” camoneano.

“Nacionalismo, historicismo e camoneanismo, eis três conceitos que, para os residentes no Brasil, quer através de um exílio forçado, quer quando resultado de um exílio desejado por via da busca de uma situação econômica mais desafogada e materializados através dos edifícios-sedes das suas associações, se podem pensar na mentalidade romântica ainda ali vigente”<sup>7</sup>.

Assim, a escolha de um estilo arquitetônico está inserida em seu período histórico e nas possibilidades existentes para a sua implementação. A maciça presença portuguesa no Brasil e em especial no Rio de Janeiro, seja de imigrantes em busca de uma melhoria econômica, seja daqueles fugidos de uma realidade política que não os favorecia, possibilitou uma exaltação de um estilo nacionalista português. Há uma tentativa não só de aproximação com sua terra natal, como também de se construir uma identidade para este grupo étnico. Uma forma de identidade ideal, realçando o passado glorioso (nesse caso, a presença de Camões e da temática náutica) em um presente não tão enaltecido assim.

Como visto, estudar a construção do prédio sede do Gabinete Português de Leitura nos possibilita, dentro de um estudo de caso, termos uma perspectiva a respeito da construção da identidade do imigrante português desta associação e analisarmos sua procura por unidade de discurso. Percebemos funcionar, então, o Gabinete como um

facilitador do diálogo com a sociedade receptora e um mantenedor do *status* diferenciado dos integrantes da elite portuguesa, construindo uma das possibilidades de identidade além-mar para os imigrantes e descendentes. Apesar de se propor congregadora de todo e qualquer imigrante, tem em seu próprio estatuto fatores de exclusão e clivagens a todo aquele que não correspondesse à sua identidade criada e pretendida: a do imigrante que sente orgulho de seu passado e que conseguiu “fazer a América”. Aos excluídos, porém, há a possibilidade de compartilhar o legado cultural deixado por Portugal, lembrado constantemente nos discursos de seus associados, nos artigos da revista *Convergência Lusíada* e, como veremos, na própria construção arquitetônica e simbólica do prédio sede do Real Gabinete.

---

\* Tatiana Quintela de Azeredo Bastos é aluna do programa de pós-graduação em mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

<sup>1</sup> LIMA, Maria Helena Beozzo de “A missão herdada: Um estudo sobre a inserção do Imigrante Português”, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1973.

<sup>2</sup> A exaltação a figura de Camões também é presente na forma de quadros e esculturas, porém sua referência está sempre associada aos *Os Lusíadas*, considerada a maior obra literária portuguesa.

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo “*Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi”. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>4</sup> BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de destinos cruzados : bibliotecas homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1999.

<sup>5</sup> TAVARES, Antônio Rodrigues “Fundamentos e Actualidades do Real Gabinete Português de Leitura. Edição Comemorativa do 140º aniversário de fundação”, publicação do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1977.

<sup>6</sup> ANACLETO, Regina “A arquitetura neomanuelina e a sua repercussão no Brasil” Separata del libro “Relaciones Artísticas entre la Península Ibérica y América” Actas del V Simposio Hispano-Portugués de Historia del arte (11 – 13 Mayo 1989), Valladolid, 1990.

<sup>7</sup> ANACLETO, Regina “A arquitetura neomanuelina e a sua repercussão no Brasil” Separata del libro “Relaciones Artísticas entre la Península Ibérica y América” Actas del V Simposio Hispano-Portugués de Historia del arte (11 – 13 Mayo 1989), Valladolid, 1990.